

Escola Estadual Professor Antônio de Barros Serra (ABS)– São José do Rio Preto-SP

RODRIGUES, Bruna Carolina Marino, CLAUDINO, Sonia Amalia Romano, SILVA, Nívea Karen, MIAN, Suely Cristina da Silva, COSTA, Garibaldi da Silva, ESPERANDIO, Ana Paula.

O Bicentenário da Independência do Brasil na Escola

O projeto Bicentenário da Independência do Brasil ocorreu na Escola Estadual Professor Antônio de Barros Serra¹, localizada na cidade de São José do Rio Preto-SP e integrou as comemorações do dia 7 de setembro do ano de 2022 . O projeto foi desenvolvido durante os meses de junho, agosto e setembro de 2022 e o evento realizado no dia 8 de setembro de 2022 e contou com apoio e colaboração dos professores, coordenação, direção, alunos e agentes escolares.

O evento cultural na escola foi um momento muito importante para a comunidade escolar, pois ao mesmo tempo que possibilitou a construção e estreitamento dos laços entre estudantes e professores, também foi um espaço para a aprendizagem e ampliação dos conhecimentos. Desse modo, no espaço público² da escola se entrecruzam conhecimentos historiográficos, memórias, passados, conhecimentos pedagógicos e experiências de vida de professores e estudantes e de toda comunidade escolar. Por isso, é nas fronteiras entre esses conhecimentos, práticas e experiências de vida que se consegue desestabilizar preconceitos e complexificar problemas e ideias (DE ANDRADE, ANDRADE, 2016, p.182).

Rememorar o Bicentenário da Independência na escola foi uma grande oportunidade de levantar um debate sobre as comemorações históricas e a história oficial, a cultura histórica, os usos do passado no presente e os silenciamentos que também são produzidos pela história. Por isso, buscamos demonstrar no evento o processo histórico de formação do nosso país, destacando que não foi nada pacífico e que a Independência do Brasil não se limitou ao grito de Dom Pedro I no Riacho do Ipiranga, como a história

¹ As imagens dos alunos utilizadas nesse trabalho foram autorizadas pelos responsáveis.

² Assim, a escola se torna espaço para mediações e produções de história pública, isto porque possibilita através da história pública e suas práticas, compreender os usos do passado e da memória pelo público escolar, bem como proporciona o engajamento dos estudantes e toda comunidade na construção, produção e divulgação de história pública através de eventos culturais históricos na escola.

oficial relatou durante tanto tempo . Isso porque a Independência do Brasil esteve ligada a um processo que demorou quase dois anos, marcado por lutas e guerras como batalha de Itaparica e Pirajá na Bahia e contou com a participação de figuras importantes como Maria Felipa, uma mulher negra que resistiu aos ataques portugueses e liderou a expulsão deles na ilha de Itaparica ou ainda a batalha de Jenipapo no Piauí, decisiva para manter a Independência e que teve como protagonistas as classes populares.

Para realização do evento contamos com a parceria da professora Sônia, da sala de leitura. Nesse espaço que abriga nossa biblioteca é onde produzimos nossos projetos e debatemos ideias e pensamos ações para a execução de projetos como do meio-ambiente e consciência negra . A professora Sônia atua como uma mediadora auxiliando os professores na construção dos seus projetos e no fomento de ações com os alunos. Nesse sentido, no começo do ano foi discutido, juntamente com a coordenação a comemoração do Bicentenário da Independência e sua importância para a comunidade escolar. Dessa forma, os professores de ciências humanas e de artes foram os responsáveis pelo planejamento e organização do evento. Assim, nos meses de junho e agosto o projeto foi executado tendo como foco a interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento.

Do plano das ideias para as ações : O Bicentenário da Independência no ABS

O planejamento do evento cultural foi realizado durante os ATPCs (aula de trabalho coletivo), nessas horas discutíamos juntamente com a professora Sônia da sala de leitura e a coordenação e direção (a gestão) a execução do projeto e as várias frentes que se mobilizaram para a organização do projeto. Em nossas discussões a ideia era que o evento possibilitasse aos alunos uma reflexão crítica diante dos 200 anos de independência do Brasil e que fosse para além da história oficial.

Em nossas discussões fomos delineando o tema central do nosso evento com destaque para a valorização das histórias silenciadas e apagadas, como a história das mulheres, negros e povos indígenas que durante tanto tempo tiveram suas histórias invisibilizadas pela história oficial de grandes homens. Durante nosso planejamento discutíamos a importância de demonstrar para a comunidade escolar o protagonismo das classes populares nas guerras para expulsão dos portugueses do Brasil e na participação das mulheres para o processo de independência, como o papel de Maria Felipa de Oliveira, Maria Quitéria, Maria Leopoldina, Urânia Valério dentre tantas outras mulheres que defenderam e lutaram pela liberdade do Brasil naquele tempo (STARLING; PELEGRINO, SILVA; TELLES; VALIM; ACIOLI, 2022).

Assim como a historiadora Maria da Glória de Oliveira (2018) propõe refletir sobre a invisibilidade das produções femininas no campo da história, marcadas ainda pela predominância de obras de autoria masculina, branca e europeia na construção dos cânones historiográficos, muitos livros didáticos ou materiais de apoio pedagógico ainda colocam as mulheres em uma condição marginal e periférica. Por isso, a importância de trazer à tona as figuras de mulheres que marcaram a independência do Brasil. Além disso, nosso foco foi também trabalhar as questões étnico-raciais e a educação antirracista através do destaque de personalidades indígenas e negras que marcaram a história do Brasil, como a história de Maria Felipa de Oliveira.

Segundo a filósofa Djamila Ribeiro durante muito tempo ocorreu a invisibilidade e o silenciamento da cultura afro-brasileira e das mulheres e homens negros na história. A invisibilidade e o silenciamento da cultura indígena e afro-brasileira contribuíram para o aprofundamento do racismo estrutural no Brasil e a violência contra a população negra e povos indígenas.

Dessa forma, orientados pela visão de Kabengele Munanga, Djamila Ribeiro, Ailton Krenak e Eliana Potiguara acreditamos que a educação é capaz de oferecer tanto as crianças, jovens como aos adultos a possibilidade de desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram construídos pela cultura racista em nosso país.

Para Edson Kayapó e Tamires Brito (2014) o estudo da história e cultura dos povos indígenas nas escolas brasileiras deve cumprir o compromisso político e ético pela defesa da pluralidade étnico-cultural dos povos indígenas, porque se trata de grupos humanos que têm seus direitos sistematicamente desrespeitados, além de serem vítimas de discriminações na sua terra de origem (KAYAPÓ, TAMIRES, 2014, p.63).

Nesse contexto, segundo a escritora Chimamanda Ngozi Adichie colocar em debate as pluralidades de histórias são importantes e necessárias para construir uma educação antirracista e que valorize a diversidade étnico-racial da formação dos povos e suas culturas combatendo os perigos de uma história única (ADICHIE, 2019).

Assim, foi decidido entre os professores a confecção de um varal com personalidades femininas importantes que contribuíram para a Independência do Brasil,

a realização de danças regionais que contam a história do nosso país , Slam³ com a participação do aluno Eduardo do ensino médio , teatro matutino com alunos do 2º ano do ensino médio e no período vespertino sobre o bicentenário com destaque para a história de Maria Felipa de Oliveira (professora Bruna 7 c e 7 d) , concurso de charges mobilizado pela professora Sueli (ensino médio), jogos de xadrez (toda comunidade escolar) que ocorreram durante o evento com a participação do professor Alessandro e concurso de bandeiras. As atividades planejadas foram desenvolvidas pelos alunos do período matutino e vespertino e contou com a colaboração dos docentes, alunos e ajuda e contribuição dos agentes escolares.

Neste contexto, de planejamento e execução de um projeto pedagógico com envolvimento de toda comunidade escolar ressalta-se o papel dos professores como curadores, que tem como função a seleção, a organização e a contextualização de conteúdos/ações para o evento cultural em uma dinâmica que envolva toda a escola. Os professores curadores são essenciais para elaboração de projetos, pois reconhecidos como aqueles que tem credibilidade para dizer o que é relevante como conteúdo, metodologias projetos pedagógicos e ações.

Desse modo, os professores- curadores de histórias são comunicadores sociais que fazem a mediação⁴ cultural das pluralidades de histórias possibilitando a crítica das mais diversas apresentações produzidas pelos atores sociais frente aos desafios e demandas do mundo. Portanto, o professor curador é aquele que se coloca a frente das demandas sociais, políticas e culturais do seu tempo presente (ARAÚJO, 2017; SCHMIDT, 2016).

A ideia do evento cultural sobre o Bicentenário da Independência foi o de reavivar a história das mulheres e da participação popular nos processos de Independência da história do Brasil. Assim, produzimos vários painéis que trataram do papel das mulheres na Independência. A professora Nívea juntamente com suas alunas do ensino médio

³ Originário do inglês, o termo *Slam* quer dizer batida ou pancada. São batalhas de poesia falada que seguem algumas regras. poesias autorais de até três minutos sem a utilização de objetos cênicos e sem acompanhamento musical. Corpo e voz são elementos fundamentais! As notas são dadas por um júri popular que é escolhido no momento da competição. Esta normalmente ocorre em três fases: geral, semifinal e a final, que revela o poeta vencedor daquela edição. Em um *slam* são recitadas poesias de temas livres, mas verifica-se, ao longo do tempo, que grupos historicamente excluídos vêm se utilizando dessa expressão artística como forma de reivindicar seus lugares de direito, de dar visibilidade às suas lutas e se colocar como protagonistas de suas próprias histórias (DE PAULA, 2019).

⁴ Para saber mais sobre os intelectuais mediadores ver: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. INTELLECTUAIS MEDIADORES: Práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

confeccionaram o material para que ocorresse a montagem do varal da história que ficou exposto na escola durante a semana do evento cultural. Assim, alguns professores podiam ter a possibilidade de levar seus alunos para compreenderem a história da Independência do Brasil por meio da exposição⁵.

Figura 1: Varal História da Independência



Figura 2: Varal História da Independência com destaque para o protagonismo feminino

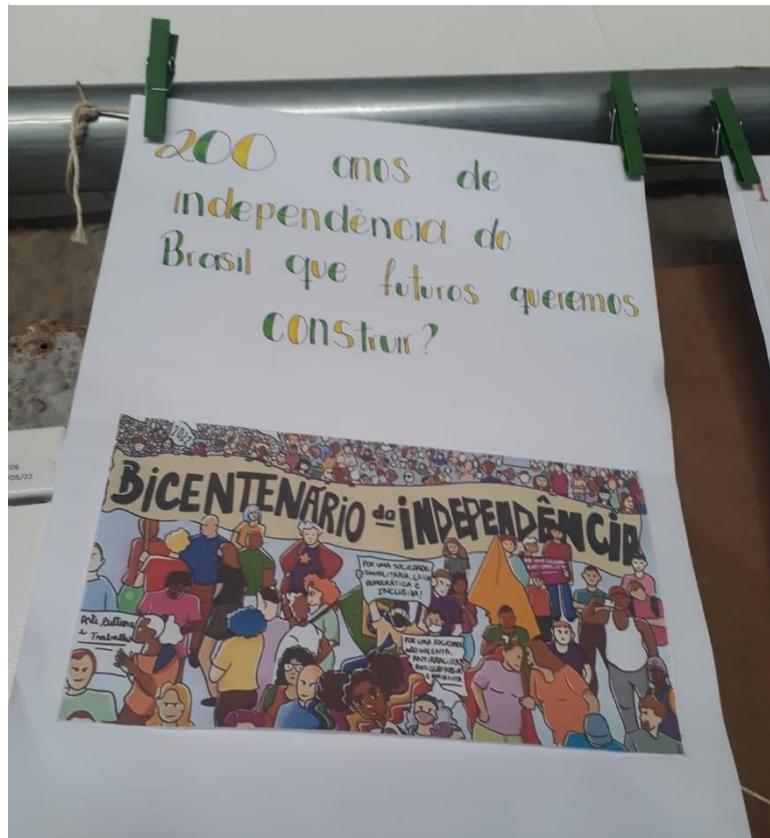


⁵ A professora Bruna de História pode fazer uma ação com os alunos do 3 ano do ensino médio problematizando as comemorações do Bicentenário da Independência através do varal histórico. Essa ação gerou um debate na sala de aula e uma reflexão para o evento cultural.

Figura 3: Varal História da independência



Figura 4: Varal de História O portal bicentenário foi até a escola



O evento cultural do Bicentenário contou com a encenação de peças teatrais produzidas pelos próprios alunos do ensino médio e do ensino fundamental. O teatro possibilita trabalhar com os alunos através de uma outra linguagem ligada diretamente ao campo das artes e do lúdico, onde se estimula as habilidades cognitivas e socioemocionais dos estudantes como a criatividade, senso de coletividade e comunicação oral e corporal. Nesse sentido, o teatro potencializa o ensino de história e das ciências humanas na medida que explora outras formas de aprender. Assim:

A utilização do teatro no ensino de História contribui para que os alunos, observem, confrontem as diferentes culturas ao longo da História, em diversos momentos. Além de que, colabora para aprofundar temas trabalhados em sala, permitindo que o professor adapte os conteúdos a linguagem dos alunos, e conseqüentemente maior envolvimento destes no processo de aprendizagem e maior dinamização com a matéria. Ao utilizar, por exemplo, o trabalho com representações sociais através da construção do texto da peça e da cena em si, contribuirá para uma melhor aprendizagem, pois ao mesmo tempo em que exige do aluno um maior entendimento, aprofundamento do tema, precisa-se da contextualização do que está se produzindo, montando. Nesse sentido, ao estudar determinada sociedade e elaborar uma peça, os alunos a compreenderão em todos os seus aspectos identificando traços culturais marcantes (SANTOS, 2013,p.5).

A peça teatral apresentada no período matutino foi escrita, produzida e dirigida pela aluna Hilari Kristinni Aguiar Marcelino e se chamava “The Praça Show”. A peça buscou de maneira bem-humorada fazer críticas ao grito do Ipiranga e a Proclamação da Independência, questionando se de fato aquele evento teria ocorrido como retratado no quadro de Pedro Américo, Grito do Ipiranga de 1888. Além da crítica histórica, o teatro buscou evidenciar as profundas desigualdades que permanecem em nosso país no presente através da questão do racismo e das violências. Nossa escritora Hilari deixou um depoimento de sua participação no evento do bicentenário.

“Eu sempre fui apaixonada por teatro e tudo que o envolve, mas sendo estudante de escola pública nunca achei que teria espaço na escola para expressar essa paixão. Foi no 2º ano do ensino médio que comecei a ter a oportunidade de fazer o que eu amo e como forma de estudar também. Isso contou com o apoio de professoras maravilhosas. E foi simplesmente incrível, poder escrever minhas peças e poder estudar com o que amo, além de que também foi uma tremenda experiência de autoconhecimento e conexão com a arte e a história. Para mim e meus colegas, participantes da peça. Por isso, eu digo que são professores assim como os nossos que permitem que os alunos se expressem do seu próprio modo e que realmente formam seres humanos para a vida”⁶.

⁶ Depoimento escrito concedido pela aluna Hilari Kristini em 20/03/23.

Figura 5: ENCENAÇÃO PEÇA DE TEATRO "THE PRAÇA SHOW"



DA DIREITA PARA A ESQUERDA : ATORES MARIA EDUARDA VICTORIA, ISABELA, HILARI (ESCRITORA E PRODUTORA DA PEÇA) E ATORES KELGE, PEDRO, NICOLAS E JÚLIO.

A peça de teatro encenada no período vespertino contou com a participação das alunas e alunos do 7º ano C e D do ensino fundamental II da disciplina de história da professora Bruna no ano de 2022. O teatro intitulado “Bicentenário da Independência: outras histórias” foi produzido a partir das ideias dos alunos e do diálogo com a professora.

Segundo Bruna Rodrigues a ideia foi de que o teatro possibilitasse aos alunos enxergar além da história oficial da Independência e do mito em relação a figura de Dom Pedro I. A peça de teatro foi escrita e dirigida pela professora de história e contou com a colaboração da professora Sueli na confecção de acessórios e dos alunos na produção e figurino da peça. Os ensaios ocorreram durante uma parte das aulas de história onde a professora fazia com os alunos a leitura dramática da peça e aos sábados ensaiamos a peça na escola durante o projeto Escola da Família.

Figura 6: Ensaio peça teatral bicentenário - Escola da Família



A peça contou a história da independência do Brasil destacando o processo histórico que levou Dom Pedro I a declarar a Independência em relação a Portugal e o papel de Maria Leopoldina nesse processo. Na encenação buscamos evidenciar as guerras de independência e o papel das mulheres com destaque para a história de Maria Felipa e a batalha de Itaparica, onde ela e um grupo de mulheres e pessoas das classes populares expulsaram os portugueses. Segundo a aluna Maria Eduarda que encenou a protagonista Maria Felipa de Oliveira:

“Interpretar a Maria Felipa foi maravilhoso. Eu amei a experiência, foi ótimo aprender história, minha matéria favorita. Foi muito legal, eu amei fazer a peça e foi muito divertido aprender história pelo teatro”⁷.

A encenação da peça de teatro de história proporcionou aos alunos se apropriarem do discurso histórico e assim através da dramatização compreender a história de maneira crítica. Desse modo, no confronto entre várias temporalidades (passado, presente e futuro) os estudantes puderam compreender as várias interpretações sobre a história do Brasil e da Proclamação da Independência. A encenação teatral também possibilitou o aprendizado histórico ao revelar para o público outras histórias e perspectivas que haviam sido silenciadas ou invisibilizadas pela história oficial, mas que por outro lado, estavam vivas no presente e na memória do povo de Itaparica na Bahia, como no caso de Maria

⁷ Depoimento escrito feito pela aluna Maria Eduarda concedido a professora Bruna na semana 06/03/23.

Felipa, mulher negra, figura importante na expulsão dos portugueses do Brasil e para nossa Independência. Segundo a aluna Luísa :

*“O teatro foi muito interessante, descobri várias coisas novas com ele, e ensinou as pessoas que estavam assistindo ao teatro. Fazer o personagem do mensageiro, que interpretei foi muito legal e importante. O que foi muito interessante foi que alguns personagens, como Maria Felipa, lutaram capoeira e eu gostei muito disso”.*⁸

A aluna Naylla também deixou seu depoimento sobre a importância do evento do Bicentenário para ela e a comunidade escolar :

*“A minha experiência fazendo a peça de teatro do dia da independência foi muito boa, eu já conhecia a história mas quando nós fomos interpretar o papel parece que você se conecta com aquilo e a história fica muito mais nítida, foi uma ótima experiência, e apresentar essa história para nossos colegas que conhecem ou não a história foi muito gratificante, para mim e para eles saber como o Brasil é um país independente hoje, depois de muitos ocorridos, foi uma forma muito divertida de aprender história!!”*⁹

Portanto, através do teatro os estudantes puderam criar e desenvolver valores morais, principalmente o respeito às diferenças e valorizando a diversidade brasileira. Segundo Maria Helena Almeida (2016) fazer uso da escrita e da linguagem falada e gestual estimula a expressão corporal, o conhecer a si mesmo, e expressar o que pensa do mundo e das pessoas, o que aspira, e o que receia. O teatro aplicado à educação possui o papel de mobilização de todas as capacidades criadoras e o aprimoramento da relação vital do indivíduo com o seu mundo. Sem dúvida nenhuma, o teatro na escola é um exercício de criatividade, tanto por parte do aluno como por parte do professor (ALMEIDA, 2016, p.66).

⁸ Depoimento escrito feito pela aluna Luísa concedido a professora Bruna dia 19/04/23.

⁹ Depoimento escrito pela aluna Naylla concedido a professora Bruna dia 20/04/23.

Figura 7 : Encenação Peça de Teatro Bicentenário e outras histórias – D. Pedro e a guarda real



Figura 8: Batalha de Itaparica



Figura 9: Teatro Bicentenário da Independência: outras histórias



Além do teatro tivemos na parte da tarde a realização de danças regionais brasileiras como carimbó organizado pela professora de artes Nathalia e pelo professor Garibaldi, de artes, que elaborou uma apresentação intitulada o “monumento vivo” e que falava sobre a história e a diversidade do nosso país . Desse modo, a arte da dança integra as culturas humanas como um patrimônio cultural e identitário de grupos sociais e de um país. Nesse contexto, a arte também ensina história e é através da expressão corporal como prática pedagógica na educação que o professor tem a possibilidade de estimular a criatividade por meio da manifestação da imaginação criativa na realidade, já que reúne a sensibilização e a conscientização por meio de movimentos, posturas e atitudes (SILVA apud SILVA 2012, p. 133).

Para Luísa, do 7º ano C a dança carimbó foi muito importante porque possibilitou conhecer a história do Brasil através da música e expressão corporal. Assim:

Foi muito legal e interessante a dança, pois descobri mais uma categoria de dança do Brasil. A coreografia foi muito boa, eu gostei muito da música usada, que foi “Ai menina” de Lia Sophia”¹⁰.

O evento do bicentenário também contou com a apresentação do Slam realizado pelo aluno Eduardo do 3º ano do ensino médio. Assim, através do rap “ Sem Memória” DK47, o aluno Eduardo levou os estudantes a refletirem sobre a história do Brasil abordando as figuras históricas apagadas, o genocídio dos povos indígenas e a importância da cultura afro-brasileira para a construção da história do Brasil, destacando uma crítica social em relação a história oficial do nosso país.

O Slam através da cultura hip-hop aproximou os estudantes da história do Brasil, além de ter contribuído para suas aprendizagens, criando novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual. Desse modo, o Slam tem se configurado como uma forma de arte que questiona as estruturas vigentes e propõe novas experiências culturais para a sociedade (PAULA, 2019).

¹⁰ Depoimento escrito feito pela aluna Luísa concedido a professora Bruna dia 19/04/23.

Figura 10: Aluno Eduardo poetizando por meio do SLAM



Segundo a professora Sônia comemorar os 200 anos de independência foi um acontecimento histórico muito importante, pois possibilitou que toda comunidade escolar refletisse sobre o destino de uma nação e nos fizesse lembrar que precisamos lutar para que a Independência seja efetivada a cada dia.

“Acima de todos os problemas e desafios em nossa nação temos a esperança e a certeza de que nossa pátria é o melhor lugar do mundo para se viver, pois temos a possibilidade de sonhar. Não vamos desistir de nossos sonhos e deixar de acreditar no amor, respeito, honestidade e tantos outros valores que devem ser o sustento dessa terra onde nascemos e vivemos”¹¹.

Em seu discurso de abertura a professora Sônia da sala de leitura evidenciou sobre a importância de refletir sobre a Independência do Brasil no passado e no presente e sobre o protagonismo e o papel das mulheres para a Independência do Brasil. Assim:

¹¹ Depoimento escrito da professora Sônia concedido em 10/03/23.

“Gostaria de abrir um parêntese para falar da participação das mulheres na conquista da independência brasileira. Todas as vezes que falamos sobre o papel das mulheres, queremos proferir sobre aquelas que não aceitaram seguir os passos que a sociedade patriarcal lhe impôs, ou seja, ser apenas doméstica. As mulheres que ombro a ombro com os homens construíram essa nação e por isso nosso evento de comemoração do bicentenário colocou em destaque mulheres importantes nesse processo como Maria Felipa, Maria Quitéria, a imperatriz Maria Leopoldina e tantas outras mulheres que lutaram bravamente pela independência do Brasil” (Discurso de abertura do evento cultural, 09/07/2022)¹².

Figura 11: Coordenadora Ana Paula Esperandio e Professora Sonia



Figura 12: Discurso de Abertura Professora Sônia



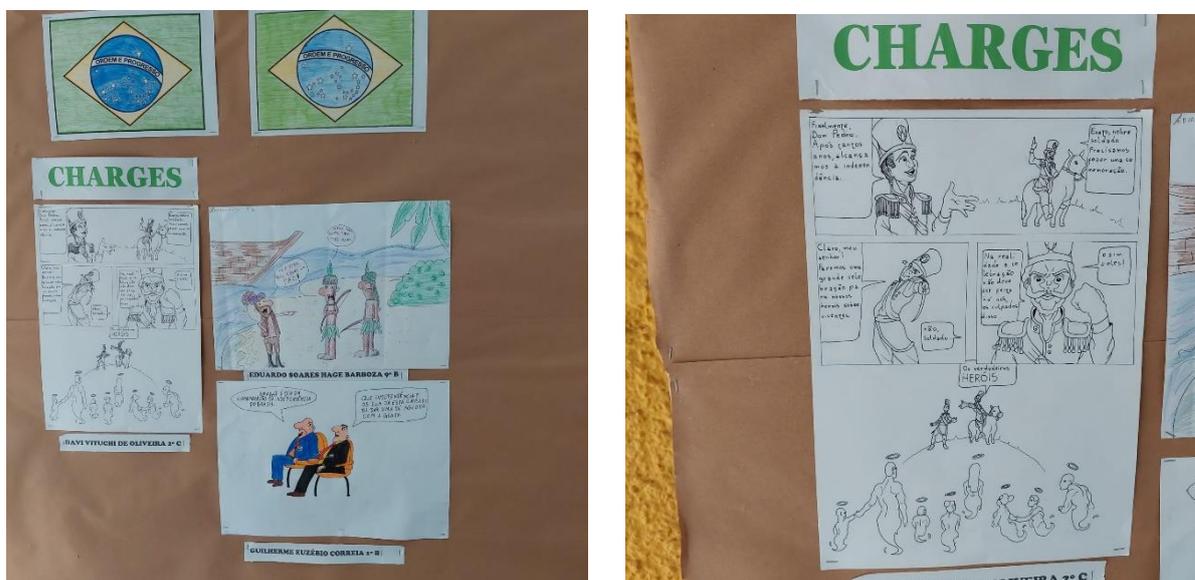
¹² Discurso escrito pela professora Sônia Romano Claudino para abertura do evento cultural Bicentenário da Independência do Brasil.

Figura 13: Discurso de abertura coordenadora Ana Paula



O concurso de charges foi um momento muito importante do evento cultural, porque os alunos puderam através de sua criatividade e crítica desenvolver um trabalho visual. Assim, o concurso de charge foi mobilizado pela professora Sueli e professora Sônia que dialogaram e orientaram os estudantes. No dia do evento, todos os alunos e alunas que participaram do concurso de charge foram premiados com um livro.

Figura 14: Charges produzidas pelos alunos



Durante o período matutino tivemos a realização de jogos de xadrez. De acordo com a professora Sônia o xadrez foi um facilitador para os estudantes, pois ajuda a desenvolver sua capacidade de pensar, refletir e desenvolver o raciocínio lógico e a concentração. Muitas vezes se tem a ideia de que o xadrez é algo difícil, mas com as orientações certas, os alunos desmistificam essa concepção e até fazem xeque-mate. Dessa forma, os estudantes aprendem a exercitar o cérebro de forma divertida e inteligente. Segundo Sônia a ideia surgiu com as comemorações do Bicentenário da Independência onde convidamos os alunos a se inscreverem e participarem e assim fizemos uma disputa entre brasileiros e portugueses. O jogo ocorreu durante o evento cultural e foi emocionante em todos os sentidos: - *“ver a alegria das torcidas, o grau de concentração, a responsabilidade e o comprometimento deles. Ao final premiamos os vencedores com exemplares de livros.”*¹³

Figura 13 Competição do Xadrez Brasil x Portugueses



Além dos jogos, tivemos um concurso para confecção de uma bandeira para a escola. Assim, a professora Sônia da Sala de Leitura, juntamente com a professora Mara e o professor Carlos motivaram os alunos para produção de uma bandeira que estivesse relacionada a identidade dos estudantes na escola. As bandeiras foram expostas em cartazes no palco onde ocorreu o evento. Posteriormente, todos os alunos votaram para a escola da bandeira da escola.

¹³ Depoimento escrito da professora Sônia da Sala de leitura.

Figura 14: Palco das apresentações do Evento, ao fundo exposição com cartazes das bandeiras ABS feita pelos estudantes.



Para contextualização do Bicentenário da Independência a professora Bruna fez uma palestra onde pode demonstrar historicamente o processo histórico que levou a Proclamação da Independência para os estudantes. Nesse sentido, a professora enfatizou que rememorar os 200 anos de independência do Brasil ou o Bicentenário da Independência significa pensar nos desafios para o presente e o futuro do nosso país, demonstrando que eventos históricos como esse nos dizem muito sobre a construção histórica do nosso passado, os lugares de memória que a sociedade brasileira produziu, os símbolos e os mitos nacionais, mas também nos dizem muito mais sobre o presente e o futuro que queremos construir.

Figura 14: Palestra realizada pela professora Bruna História



Desse modo, a professora Bruna projetou na palestra imagens e fontes históricas que evidenciaram o porquê da independência do Brasil ter mantido a monarquia e não ter possibilitado que o povo tivesse acesso a sua cidadania e nem o fim da escravidão. Assim, por meio do quadro de Pedro Américo, *Grito da Independência*, pintado em 1888, 66 anos da Proclamação da Independência, a professora apresentou para os alunos como esse acontecimento histórico ficou imortalizado no imaginário popular buscando construir elementos da nacionalidade brasileira consagrando D. Pedro I como um herói.

Dessa forma, o quadro de Pedro Américo é uma representação de um tempo em que a história era construída apenas por uma parcela da sociedade, a elite. A palestra buscou destacar que a Independência do Brasil não possibilitou que o povo tivesse acesso a democracia e a melhoria das condições de suas vidas ou ainda que acabasse com a escravidão de milhares de pessoas, as mortes dos povos indígenas ou as profundas desigualdades que marcaram e marcam a história do Brasil. Nesse sentido, esse debate buscou apresentar aos estudantes outras histórias, que silenciadas por muito tempo, foram cruciais para a Independência e história do Brasil.

Nas palavras da historiadora Ynaê Lopes dos Santos temos que falar sobre outros gritos da independência e por isso a historiadora nos ensina que:

“Gerações e mais gerações de brasileiras e brasileiros foram ensinados a pensar a Independência do Brasil tendo o 7 de setembro como seu começo, meio e fim. Uma *Independência ou Morte!*, que na realidade foi construída anos depois, que pouco fala sobre o complexo e intrincado processo que culminou na emancipação e soberania deste país, que a partir de então passou a se chamar Brasil. É uma versão dos fatos marcada pelo que se tornou praxe ao contar a história do Brasil: a passividade do brasileiro, sobretudo do povo, formado pelo harmonioso encontro das três raças. Uma grande e redonda mentira (SANTOS, 2021).

A professora de Geografia Nivea Karen da Silva relatou que o projeto Bicentenário da Independência do Brasil desenvolvido em nossa escola Prof. Antônio Barros Serra levou os estudantes a fazer um balanço destes 200 anos da separação de Portugal, entendendo a participação das mulheres, das pessoas escravizadas e dos movimentos que aconteceram na época e como nosso país apresentou avanços e recuos na formação e no crescimento do Brasil independente.

“Através de pesquisas e das aulas os estudantes perceberam como a desigualdade social ainda é gritante e que os efeitos da escravidão

sobre o presente precisam ser discutidos e combatidos. O projeto encerrou-se com um belo evento, os alunos se envolveram e tivemos apresentações de danças, teatro, músicas cantadas e tocadas, confecção de painéis, concurso de bandeira da escola confeccionadas pelos alunos e palestras de professores, foi um dia muito especial para toda comunidade escolar”¹⁴.

Segundo a professora de filosofia Suely o projeto Bicentenário da Independência do Brasil teve como proposta não ser somente uma comemoração dos 200 anos de Independência, mas elencar juntamente com os alunos os fatos históricos, os personagens essenciais e seus feitos, e também traços culturais que caracterizavam os grupos humanos que direta e indiretamente contribuíram para os processos que desembocaram na independência, proclamada em 7 de setembro de 1822.

“Os professores e alunos envolvidos desenvolveram pesquisas que auxiliaram na produção de representações cênicas, musicais, bem como cartazes e textos relativos aos eventos estudados que por sua vez foram expostos no dia programado para as exposições em nossa escola. Neste belo evento foi possível notar o grau de participação e comprometimento que se propuseram a realizar todas as etapas necessárias para construção de todo material que foi apresentado sem medir esforços para entregar um trabalho cheio de capricho, instrução e encanto. Gostaria de expressar um profundo orgulho por tudo o que pude assistir e meu desejo que no futuro, eu possa contar muitas outras vezes com trabalhos de vulto como este que tive o prazer de contribuir e presenciar”¹⁵.

Em seu depoimento a coordenadora de gestão pedagógica Ana Paula Esperandio pode demonstrar a importância de eventos culturais para toda a comunidade escolar.

“No ano de 2022 nossa escola realizou várias ações de reflexão envolvendo toda a comunidade escolar acerca das questões que perpassam as comemorações do bicentenário da Independência do Brasil, envolvemos nossos alunos e professores, sobretudo nas formas de manifestar a presença múltipla nos mais diversos processos sociais, culturais e políticos vivenciados ao longo desses anos. Na prática, nossos alunos tiveram a oportunidade de construir aprendizados históricos e epistemológicos, direcionados pelos professores da área de ciências humanas, abrangendo a construção de significados nas interdisciplinaridades presentes na escola. Sem dúvidas, foi uma experiência fascinante para todos os envolvidos!”¹⁶

¹⁴ Depoimento escrito feito pela professora Nívea concedido a professora Bruna dia 28/02/23.

¹⁵ Depoimento escrito feito pela professora Suely Cristina da Silva Milian concedido a professora Bruna 14/02/23.

¹⁶ Depoimento escrito feito pela coordenadora pedagógica Ana Paula Esperandio concedido no dia 16/03/23.

Considerações Finais

O projeto do Bicentenário da Independência marcou positivamente a escola ABS, sobretudo porque possibilitou o envolvimento de toda a comunidade escolar na construção do evento cultural. Assim, isso pode ser evidenciado desde a sua idealização, que buscou na interdisciplinaridade o planejamento das suas ações, até a concretização de nossas ideias que foram materializadas no evento cultural na escola.

Segundo a professora Sônia os eventos contribuem para o desenvolvimento e aprendizado dos estudantes, porque eles se sentem estimulados com o conteúdo produzido fora da sala de aula. Os eventos proporcionam que os estudantes adquiram experiências durante a organização e o círculo social dos discentes se expande ao se relacionarem com outros estudantes e com os funcionários.

Relembrar um evento histórico como o Bicentenário da Independência foi muito relevante para toda a comunidade escolar, pois através de um evento cultural como esse pudemos estimular o pensamento crítico dos estudantes por meio da história do Brasil. Nesse sentido, as apresentações dos estudantes e seus envolvimento com as atividades possibilitaram situações de aprendizagens produtoras de sentidos e significados históricos que buscaram apresentar outras histórias sobre a Independência do Brasil : como o protagonismo das mulheres negras no processo de independência, as guerras para expulsão dos portugueses em várias regiões do Brasil, bem como o papel dos povos indígenas, negros e das classes populares nesse processo.

O evento do Bicentenário da Independência foi construído com muitas mãos, em um trabalho coletivo dos professores e alunos e que estimulou a participação de toda a comunidade escolar e hoje colhemos os frutos desse trabalho com o protagonismo dos nossos estudantes que atuarem nesse evento. Portanto, para além da comemoração dessa efeméride na escola, o evento do Bicentenário da Independência buscou desenvolver o espírito cidadão em nossos estudantes, a partir do reconhecimento das suas identidades nas diversidades, isto é, do que é ser brasileiro na diversidade de culturas do Brasil e na importante reflexão de se pensar projetos futuros para nosso país através da história.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRADE, Everardo Paiva de; ANDRADE, Nívea. História Pública e Educação: Tecendo uma conversa, experimentando uma textura. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org). História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ALMEIDA, Maria Helena Gondim; "Ensino de História a partir do teatro: entre práticas e representações", p. 59 -72. In: Estudos Interdisciplinares em Humanidades e Letras. São Paulo: Blucher, 2016.

ARAÚJO, Valdei. O Direito à História: O(A) Historiador(a) como Curador(a) de uma experiência histórica socialmente distribuída. In: GUIMARÃES, Gêssica; BRUNO, Leonardo; PEREZ, Rodrigo. Conversas sobre o Brasil: ensaios de crítica histórica. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, pp. 191-216.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

_____. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

FILHO, Sergio Guerra. A Independência e o Protagonismo Popular. Portal Bicentenário 2022. Disponível em: <https://bicentenario2022.com.br/a-independencia-e-o-protagonismo-popular/>

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GOMES, Iago. Romper os silêncios na Educação Básica e despertá-lo como lugar antirracista. Revista Afirmativa, 2020. Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/3487-2/>. Acesso: em 13/02/2023.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade/ tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo. Editora Martin Fontes, 2013.

KAYAPÓ, Edson; BRITO, Thamires. A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?. Mneme - Revista de Humanidades, [S. l.], v. 15, n. 35, p. 38–68, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7445>. Acesso em: 20 abr. 2023.

MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. 2ª edição revisada/organizador. –[Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PAIM, Elison Antonio. Epistemologia Decolonial: uma ferramenta política para ensinar outras histórias. Disponível em: <https://hmagazine.com.br/epistemologia-decolonial-uma-ferramenta-politica-para-ensinar-historias-outras/> . Acesso: 13/07/2021.

PAULA, Josi de. Slam: literatura e resistência! Revista Educação Pública, v. 19, nº 30, 19 de novembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/30/slam-literatura-e-resistencia> . Acesso em 20/02/23.

POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade máscara. São Paulo: Global, 2004.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. Outros gritos da Independência do Brasil. Portal Bicentenário 2022. Texto originalmente publicado na coluna *Negros Trópicos* na *DW Brasil*, em 06/09/2021. Disponível em: <https://bicentenario2022.com.br/outros-gritos-da-independencia-do-brasil/> . Acesso em 20/04/22.

SANTOS, Geilza da Silva. O TEATRO E O ENSINO DE HISTÓRIA: NOVAS POSSIBILIDADES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM. In: Anais ENID, 2013. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2013/Modalidade_6datahora_25_09_2013_15_17_52_idinscrito_743_a0666cc48d96e22a163bf21f31ed18c9.pdf . Acesso em: 19/04/2023.

SCHMIDT, Benito Bisso. O historiador-curador: a experiência de realizar uma exposição histórica voltada a públicos diversos. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org). História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PELLEGRINO, Antonia, STARLING, Heloisa Murgel; SILVA, Cidinha da. ; TELLES, Marcela ; VALIM, Patrícia; ACIOLI, Socorro. INDEPENDENCIA DO BRASIL: AS MULHERES QUE ESTAVAM LA. Org. STARLING, Virginia; PELLEGRINO. Editora Bazar do Tempo, 2022.

SILVA, Jaiy De Noronha. A dança como produção do conhecimento histórico-cultural: análise de um grupo cultural de dança como ferramenta de ensino-aprendizagem. Anais V CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45637> . Acesso em: 19/04/2023.

VEIGA, Ana Maria. Mulheres na Independência? Portal Bicentenário 2022. Disponível em: <https://bicentenario2022.com.br/mulheres-na-independencia/> Acesso em 15/05/22.

OLIVEIRA, Maria da Glória. Os sons do silêncio : interpelações feministas decoloniais à história da historiografia . História da Historiografia, v. 11, n. 28, set-dez, 2018, p. 104-140.